

O USO DO PRESENTE DO SUBJUNTIVO EM VARIAÇÃO COM O PRESENTE DO INDICATIVO NO FALAR CULTO DE FORTALEZA¹

Hebe Macedo de Carvalho (UFC)*

Aluiza Alves de Araújo (UECE)**

Artur Viana do Nascimento Neto (PIBIC/UFC)***

Resumo: Analisa-se, neste estudo, o uso variável do presente do subjuntivo em alternância com o presente do indicativo, em orações substantivas e orações dubitativas com *talvez*, no falar culto de Fortaleza, à luz da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, [1968] 2006; LABOV [1972] 2008), com base em 17 entrevistas do banco de dados Porcufort (Projeto Português Oral Culto de Fortaleza), sendo todos os informantes com formação univesitária, estratificados por sexo e faixa etária. Investigamos grupos de fatores linguísticos (carga semântica do verbo da matriz, estrutura de assertividade da oração, verbo da oração encaixada e tipo de oração) e variáveis sociais (sexo e faixa etária do falante) com o intuito de descrever a variação do subjuntivo em alternância com o indicativo, as restrições linguísticas e sociais que a regem, visando contribuir para a descrição e futuros mapeamentos dessa variação no Português Brasileiro (PB). Em termos totais, o presente do subjuntivo apresentou 23,9% de frequência e o indicativo 76,1 %. O presente do subjuntivo está implementado em matrizes não factuais, de baixa certeza epistêmica, com expressão de modalidade *irrealis*. Orações com verbos matrizes não factivos volitivos condicionam o uso categórico do presente do subjuntivo na fala de Fortaleza, refletindo resultados de outros estudos com dados do Nordeste.

Palavras-chave: Presente do subjuntivo. Variação. Sociolinguística Variacionista.

Abstract: In this study, we analyse the use of the present subjunctive in alternation with the present indicative, in noun clauses and clauses with the item “maybe”, in the spoken language of undergraduates from Fortaleza, through the perspective of Variationist Sociolinguistics (WEINREICH; LABOV; HERZOG, [1968] 2006; LABOV [1972] 2008), based on 17 interviews from the Porcufort (Projeto Português Oral Culto de Fortaleza), whose social parameters are gender and age group, investigated within a sample consistent of all university undergraduates. We investigated linguistic variables (the semantic power of the verb of the main clause, assertiveness of the clause, Sentence verb embedded and type of clause) and social variables (gender and age group of the speaker), in order to describe the variation of the subjunctive, the linguistic and social restrictions that govern it, aiming to contribute to the description and future mapping of this variation in Brazilian Portuguese. In total terms, the

¹ Este artigo contempla resultados do Projeto submetido ao Edital MCTI/CNPq/Universal 14/2014, Processo 458309/2014-1.

* Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará. E-mail: macedohebe@hotmail.com.

** Departamento de Letras, Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, Ceará. E-mail: aluizazinha@hotmail.com.

*** Graduando em Letras Português, Francês e Literatura e bolsista PIBIC – 2015/2016, Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: arturviananeto@yahoo.com.br.

present subjunctive presented 23.9% of frequency and the indicative 76.1%. The present subjunctive is implemented in non-factual matrices, of low epistemic certainty, with expression of irrealis modality. Volitive non-factive matrix verbs condition the categorical use of the subjunctive present in the Fortaleza's speech, reflecting the results of other studies with data from the Northeast.

Keywords: Present subjunctive. Variation. Variationist Sociolinguistics.

Introdução

Marroquim (1945, p. 220) diz que não há no Nordeste o horror ao subjuntivo que Antenor Nascentes verificou na pronúncia popular carioca. O autor correlaciona tal afirmativa ao uso do imperativo negativo usado no Nordeste, especificamente no falar de Alagoas e Pernambuco, e compara: “o imperativo negativo, aqui, é feito regularmente com o subjuntivo e não com o indicativo, como no Rio. Nessas regiões, lembra o autor, diz-se assim: *não faça isso, menino; não chore*”.

Melo (1972, p. 114) observa nos escritos de José de Alencar dois casos de uso do imperativo negativo com formas do indicativo. São eles: *Filha de Araquém não assanha o jaguar; não derrama o sangue do filho de Araquém* (grifos nossos), retirados do romance *Iracema*. Causa estranheza ao autor que esse uso conste no romance alencarino porque, segundo Melo, usos do tipo *não assanha/não derrama* são recorrentes na linguagem coloquial do Rio, de Minas e de São Paulo; no Nordeste, diz ele, espera-se que se diga como em Portugal: *não assanhe, não derrame, não faça isso*. Melo se pergunta surpreso: “é curioso que, sendo Alencar nordestino, tenha feito seus personagens, alguns nordestinos, falar como sulistas. Ou será que naquele tempo, também no Nordeste, se usava o imperativo com formas do positivo?”

Este estudo é sobre o uso do subjuntivo em alternância com indicativo em orações completivas. Não se trata, portanto, de um estudo sobre o imperativo, mas a pergunta de Melo (1972), ao questionar sobre a escrita do autor cearense José de Alencar referente ao uso do imperativo, tem como resposta, com base em estudos da Sociolinguística Variacionista, que há na conversa acima um fenômeno variável no uso do subjuntivo, marcado por diferenças regionais como veem os autores.

Este trabalho considera que na variedade do Português do Brasil podem ocorrer os usos exemplificados, a seguir, que constituem a variável sociolinguística eleita para análise.

a) Uso do do presente do subjuntivo (PS) em orações completivas introduzidas pela partícula *que* em ambientes sintático-semânticos com expectativa de PS.

(1) **PODE SER** até que futuramente eu **VÁ**... trabalhar (Inq01, h, 22-35 anos)².

b) Uso do PS em orações completivas introduzidas pela partícula *que* em ambientes com expectativa de alternância PS/PI na encaixada.

(2) Eu **ACREDITO** que o período da manhã **SEJA** o período em que você tenha mais proporção para engordar... (Inq09, m, 36-50 anos).

(3) Eu **ACREDITO** que **SAI** caríssimo... entende? (Inq09, m, 36-50 anos).

c) Uso do PI em contextos com expectativa de PI sem previsão de ocorrência do PS.

(4) Então **SEI** que hoje em dia no Ceará não **EXISTE** [laboratório de engenharia genética] (Inq.01, h, 22-35 anos).

d) Uso do PS em orações dubitativas com *talvez*, considerando a expectativa de alternância com PS/PI.

(5) **TALVEZ** ele num **VÁ** ser enrolado (Inq05,h, a partir de 50 anos).

(6) **TALVEZ** no próximo ano eu **DEVO** fazer novo estágio (Inq01, h, 22-35 anos).

O objetivo deste estudo é descrever o uso do subjuntivo no Português do Brasil (de agora em diante PB), considerando de modo particular dados de fala de Fortaleza, recortando especialmente orações no presente do subjuntivo/presente do indicativo. O interesse em realizar mais um estudo com dados do Ceará se deve ao fato de que existem evidências de que

² As informações entre parênteses indicam o número do inquérito no banco de dados Porcufort e as características sociais do informante, respectivamente.

essa variedade dialetal do PB, alinhada a outras cidades do Nordeste, apresenta mais tendência à retenção do subjuntivo em contraste com a tendência observada em estudos prévios em dados de fala da região Sudeste, em que a entrada do indicativo na oração encaixada é mais acentuada se comparada com dados do Nordeste (cf. BARBOSA, 2013).

Apresentaremos resultados do efeito da carga semântica do verbo da oração matriz/tipo de verbo da oração matriz, variável linguística importante nos estudos sociolinguísticos para o rastreamento da variação do subjuntivo (PEREIRA, 1974; ROCHA, 1997; PIMPÃO, 1999; SANTOS, 2005; OLIVEIRA, 2006; OLIVEIRA, 2007; AUTOR1, 2007; FAGUNDES, 2007; PIMPÃO, 2012; PIMPÃO, 2015; VIEIRA, 2007; BARBOSA, 2013; SANTOS, 2014; AMORIM, 2015; AUTOR1; PIMPÃO, 2016)³. A importância do verbo da oração matriz para a seleção dos modos verbais é prevista também pela tradição gramatical (cf. RIBEIRO, 1914; DIAS, 1970; CUNHA; CINTRA, 1985) ao correlacionar os usos dos modos indicativo/subjuntivo, em orações completivas, ao verbo da oração principal. Nesse sentido, buscamos trazer evidências empíricas do grau de inserção do presente do subjuntivo (PS) em alternância com o presente do indicativo (PI), em contextos morfossintáticos oracionais já mencionados, no falar de Fortaleza. A base de dados é o PORCUFORT (Projeto Português Oral Culto de Fortaleza).

Tomando como base a fala do fortalezense, pretendemos responder às seguintes questões: (I) Em que medida o subjuntivo – forma marcada por requerer ambientes sintático-semânticos específicos para ocorrer (CÂMARA JR., 1970), atestado como em vias de desaparecimento na fala informal de muitas variedades do Português do Brasil (PERINI, 1998; BAGNO, 2013), ainda resiste na fala oral culta⁴ urbana de Fortaleza? (II) Qual o efeito das variáveis linguísticas carga semântica do verbo matriz, estrutura da assertividade da oração, tipo de oração e verbo da oração encaixada para a seleção do presente do subjuntivo? (III) Qual o estágio de implementação do PS na variação subjuntivo/indicativo no falar fortalezense? (IV) Qual a atuação dos grupos de fatores externos sexo e faixa etária? São as mulheres propagadoras das formas subjuntivas?

Fundamentadas nessas questões e em resultados de análises sociolinguísticas acerca da alternância subjuntivo/indicativo no PB, conjecturamos as seguintes hipóteses: (I)

³ Alguns desses estudos adotam o termo carga semântica do verbo da oração matriz adaptado de Pereira (1974), outros usam o termo tipo de verbo da oração matriz. Os resultados são referentes a outros tempos verbais, além do tempo gramatical presente.

⁴ O termo “culto” é tomado aqui na acepção que serviu de base para a elaboração do banco de dados do Porcufort, inspirado no Projeto NURC, que considerou informantes cultos, como base para a formação do *corpus*, informantes com formação universitária (PRETI, 1999).

Acreditamos que o subjuntivo, em sua forma verbal de PS, é muito frequente no falar de Fortaleza, estando, no entanto, fortemente condicionado pela carga semântica do verbo da oração matriz e pelo marcador dubitativo *talvez*, considerando que a forma subjuntiva é uma forma marcada e seu uso requer ambientes sintático-semânticos específicos; (II) Esperamos que a forma subjuntiva emergja em orações matrizes com operador de negação, conforme atestado em outros estudos e na direção do que acontece em línguas românicas como o Latim, o Espanhol, o Francês e o Italiano (PALMER, 1986, p. 145); (III) O tipo de oração atua como ambiente condicionador do PS, sendo essa forma mais favorecida em orações dubitativas com *talvez* por esse advérbio reger o subjuntivo (PERINI, 2004); (IV) Conjecturamos que os fatores externos sexo e faixa etária dos falantes condicionam o fenômeno em estudo.

Este texto está estruturado em 6 seções. A primeira seção (1) situa o objeto de estudo, o objetivo geral, as questões e hipóteses, assentando-as em relação a trabalhos já desenvolvidos sobre a alternância subjuntivo/indicativo no PB. Na seção seguinte (2), apresentamos alguns estudos sociolinguísticos fundamentais para a base deste empreendimento. A seção denominada pressupostos teórico-metodológicos (seção 3) situa o aporte teórico desta pesquisa (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), atentando para a heterogeneidade do sistema linguístico e para os fundamentos empíricos para a pesquisa sociolinguística, buscando uma ponte entre esses pressupostos básicos e a correlação com a análise de dados. Em seguida, apresentamos a metodologia (seção 4) adotada para a seleção e estratificação da amostra, coleta e codificação dos dados. Dando continuidade ao trabalho, passaremos à exposição e à discussão dos principais resultados acerca da covariação PS~PI (seção 5) com vistas a fornecer uma fotografia sociolinguística do comportamento linguístico do falar culto de Fortaleza no que se refere ao fenômeno estudado. As considerações finais, contempladas na seção (5), sumarizam os principais achados frutos desse percurso que fazemos sobre o uso variável do presente do subjuntivo em alternância com o presente do indicativo na fala do fortalezense com formação universitária.

O subjuntivo em orações completivas e em orações dubitativas com *talvez* no português brasileiro: uma breve retomada de estudos sociolinguísticos sincrônicos e diacrônicos

A seguir fazemos uma breve apresentação de estudos que enfocaram, em sua maioria, a covariação subjuntivo/indicativo.

Rocha (1997) investigou a alternância das formas indicativo/subjuntivo nas orações substantivas com o objetivo de verificar a atuação de fatores linguísticos e extralinguísticos no fenômeno da alternância subjuntivo/indicativo, com base entrevistas que compõem o Projeto PEUL e dados de fala de Brasília. Os resultados dessa pesquisa, que tem como referência o estudo de Pereira (1974), essencialmente no que se refere à categorização semântica do verbo da oração principal, indicam que verbos não factivos volitivos *querer, esperar, preferir* e verbos não factivos não volitivos *pedir, ser necessário, deixar, temer* são altamente favorecedores do subjuntivo na oração encaixada, ocupando o topo da escala da tabela e os verbos ou predicado indiferente de suposição/opinião *parecer, achar* desfavorecem o subjuntivo, mostrando que o uso dessas formas modais na oração encaixada apresenta os seguintes contornos: há uma área com alta expectativa de subjuntivo, uma área com expectativa de alternância subjuntivo/indicativo e uma área de uso estritamente do indicativo, por exemplo orações com o verbo da matriz *saber*.

Em linhas gerais, os estudos sociolinguísticos (POPLACK, 1992 – dados do Francês; SANTOS, 2005 – dados de fala do Rio de Janeiro e Iboruna/SP; OLIVEIRA, 2006 – dados de fala de quatro comunidades rurais de descendentes afro-brasileiros; FAGUNDES, 2007 – dados de fala de quatro localidades do Sul do Brasil; CARVALHO, 2007 – dados de fala do Cariri cearense; OLIVEIRA, 2007 – dados de fala de João Pessoa/PB; VIEIRA, 2007 – dados de fala de Natal/RN; ALMEIDA, 2010 – dados de escrita do século XIII ao século XX e dados de fala RJ/SSA – de 1970 a 1990 e Rio de Janeiro de 1980 a 2000; PIMPÃO, 2012 – dados de fala de Florianópolis e Lages/SC e dados de escrita, da segunda metade do século XIX até o final do século XX.; BARBOSA, 2013 – dados de fala de Vitória/ES; AMORIM, 2015 – dados de fala de Vitória da Conquista/BA)⁵ têm demonstrado que no português brasileiro, considerando contextos de orações completivas, verbos volitivos na matriz condicionam alto percentual de frequência do subjuntivo e verbos ou predicado indiferente de opinião/suposição condicionam a alternância subjuntivo/indicativo.

Do ponto de vista diacrônico, Pimpão (2012, p. 175) controla a alternância do presente do indicativo/presente do subjuntivo em cartas ao redator, publicadas em Florianópolis e Lages/SC, nas duas últimas décadas do século XIX e durante todo o século XX, em orações com *talvez*, orações adverbiais, adjetivas e substantivas. Com relação aos resultados da análise conjunta das cidades de Florianópolis e de Lages, tem-se a atuação categórica do presente do

⁵ Alguns dos estudos citados controlam outros tipos oracionais como orações relativas, adverbiais, parentéticas, concessivas, não contempladas neste trabalho. As orações são controladas por outros tempos verbais não necessariamente no tempo presente do subjuntivo/presente do indicativo como fazemos neste estudo.

subjuntivo (100% - 11 ocorrências) em orações com o modalizador *talvez* e a baixa frequência desse tempo/modo em contextos sintáticos de oração substantiva (0,292). Os dados de presente do subjuntivo na oração encaixada foram de uso categórico quando associados ao submodo volição, com significância estatística da modalidade e da natureza semântica dos verbos matrizes em orações substantivas (cf. p. 306). O traço semântico da oração matriz projeta-se para a oração subordinada, atuando na seleção do modo verbal da oração encaixada.

Almeida (2010), no que diz respeito às orações substantivas, destaca que o uso do subjuntivo está relacionado ao componente semântico-lexical do verbo da oração matriz, fato comprovado no português arcaico e no português clássico. A autora controlou textos escritos do século XIII ao século XX, em gêneros textuais diversos tais como: foros, cartas pessoais e oficiais, editoriais, anúncios, notícias, peças populares, crônicas históricas, documentos oficiais. A autora realizou o controle de cada verbo matriz correlacionando-o ao subjuntivo/indicativo da oração encaixada e os analisa considerando esses usos distribuídos pelos séculos estudados. Os verbos matrizes *esperar* e *querer*, por exemplo, mantêm alta frequência de subjuntivo na encaixada com variação estável ao longo dos séculos XIII ao XX, caminhando para o uso categórico no século XX (cf. p. 133). Verbos de opinião *achar* e *parecer* apresentam uso categórico do indicativo na encaixada e os verbos *crer* e *pensar* são de uso variável, ao longo dos séculos, sendo esse fenômeno dependente de fatores de natureza natureza morfológica, sintática, semântica, discursiva e pragmática (ALMEIDA, 2010, p. 261).

Esses estudos têm demonstrado que aspectos modais de futuridade (PIMPÃO, 1999), volição e obrigatoriedade, não factualidade, o item léxico-semântico do verbo matriz e o operador de negação são fortes condicionadores da seleção do subjuntivo em orações encaixadas tanto em análises diacrônicas quanto em análises sincrônicas. Essas variáveis se entrecruzam para a emergência do subjuntivo em orações completivas.

Orações dubitativas com *talvez* constituem ambientes favoráveis ao uso do subjuntivo (PIMPÃO, 1999; FAGUNDES, 2007; BARBOSA, 2013; ALVES, 2014) no português brasileiro. Esses resultados se coadunam com a premissa givoniana de que o subjuntivo é uma subcategoria da modalidade *irrealis* (GIVÓN, 2001) bem como com a propriedade inerente do advérbio *talvez* de exprimir “fundamentalmente a significação dubitativa nessas orações” (CÂMARA JR., 1970).

Do ponto de vista do critério sintático, Perini (2004) ressalta que advérbios como *talvez* regem o modo da oração a que pertencem, visto que requerem preferencialmente o

subjuntivo quando o verbo estiver à sua direita (p.ex.: Talvez eu **VÁ**) e o indicativo quando o verbo estiver à sua esquerda (p. ex.: Eu **IREI** talvez).

Segundo Pimpão (1999, p. 79), o modalizador *talvez* constitui uma das estratégias linguísticas mais expressivas de traduzir incerteza epistêmica, sendo inegável seu traço inerente de imprimir uma baixa adesão do falante em relação à proposição, o que, ao nosso ver, pode ser uma explicação para essa íntima correlação sintático-semântica [talvez + subj.].

Silva e Lucena (2010, p. 20), ao correlacionar variação e modalidade epistêmica, em dados de fala do Porcufort, evidenciaram que o *talvez* está fortemente associado à modalidade *irrealis*, mas ressaltam terem encontrado com frequência nos dados as noções de possibilidade/dúvida/incerteza relacionadas a fatos pressupostos, eventos factuais, imprimindo também valores *realis*.

Pressupostos teórico-metodológicos

O modelo teórico-metodológico da teoria da Variação e Mudança linguística considera a variação linguística inerente ao sistema linguístico sistemática, regular e ordenada, propondo-se explicá-la, descrevê-la, relacionando-a aos contextos social e linguístico (LABOV, [1972] 2008). A chave desse campo de investigação é a identificação de padrões na linguagem para entender os mecanismos linguísticos que regem a variação e a mudança linguística.

Weinreich, Labov e Herzog ([1968] 2006) propõem situar como questão central dos estudos linguísticos a variação e a mudança linguística nas línguas naturais, propondo princípios empíricos de pesquisa que, segundo Paiva e Duarte (2006, p. 131), constituem uma proposta provocativa para a instauração de uma nova perspectiva de investigação da linguagem.

Nesse campo de estudos, concebe-se a língua como uma entidade linguística variável, contínua, heterogênea, que reflete padrões de variação associados a fatores linguísticos e sociais. Weinreich, Labov e Herzog (1968), em seu já clássico ensaio, no esteio da heterogeneidade sistemática, ressaltam dois princípios básicos para o estudo da língua: (i) não identificar estrutura linguística com homogeneidade e conceber como opção racional a possibilidade de descrever ordenadamente a diferenciação numa língua que serve à comunidade; (ii) entender que as gramáticas nas quais uma mudança linguística ocorre representam gramáticas de comunidade de fala.

Um dos problemas empíricos concernentes a esses princípios empíricos da heterogeneidade linguística para uma teoria da mudança é o *problema dos fatores*

condicionadores. Busca-se determinar os possíveis condicionadores para a mudança em curso de uma determinada estrutura, as restrições que atuam na variação e mudança linguística e que determinam a direção que o fenômeno linguístico seguirá. Outro é o *problema do encaixamento*, que parte da premissa de que a mudança linguística – evidentemente a variação – deve ser vista como encaixada no sistema linguístico e na comunidade de fala. Busca-se analisar em que medida uma determinada mudança se encaixa na língua (encaixamento linguístico), uma vez que a mudança linguística “raramente é um movimento de um sistema inteiro para outro” (cf. p. 121). Os autores enfatizam que “um conjunto limitado de variáveis num sistema altera seus valores modais gradualmente de um polo para outro” (cf. p. 123). A estrutura linguística está correlacionada/encaixada no contexto mais amplo da comunidade de fala (encaixamento na estrutura social), de tal modo que variações sociais e geográficas são elementos intrínsecos da estrutura.

Outro fundamento empírico é o *problema da implementação* – prevê que a mudança envolve estímulos e restrições tanto da sociedade quanto da estrutura linguística, o que remete para os fatores condicionantes da variação. Nas palavras de Paiva e Duarte (2006, p. 143), na medida em que os condicionamentos que agem sobre a mudança são identificados, adianta-se uma explicação da forma como a mudança vai se expandindo por diferentes estratos sociais. Não basta reconhecer a variação da comunidade de fala, é necessário explicá-la, identificar os fatores que a controlam à luz de um modelo de linguagem.

Aplicando essa instância à variação no sistema modal subjuntivo/indicativo no PB, e tendo em mente que as mudanças são graduais no sistema linguístico, este trabalho apresenta fatores linguísticos e sociais condicionantes da variação “presente do subjuntivo/presente do indicativo” no falar fortalezense, a fim de se somar com outros estudos para, assim, contribuir para a descrição e futuras explicações acerca da implementação e do encaixamento da alternância subjuntivo/indicativo na estrutura linguística e social do PB.

Amostra de fala de Fortaleza: caracterização e estratificação

A amostra, para efeito deste estudo, tem como base de dados o Porcufort (Português Oral Culto de Fortaleza), projeto da Universidade Estadual do Ceará, durante o período de 1993 a 1995, sob a coordenação do professor Dr. José Lemos Monteiro. Esse *corpus* reúne um conjunto de dados de língua falada representativos do português culto falado na cidade de

Fortaleza, sendo composto por informantes fortalezenses com formação universitária, natos, filhos de pais cearenses, com residência fixa em Fortaleza.

Originalmente, as faixas etárias do Porcufort são as mesmas do Projeto Estudo da Norma Urbana Linguística Culta - Projeto NURC⁶: I: 22 a 35 anos; II: 36 a 55 anos e III: 56 anos em diante. Este estudo considerou 17 informantes gravados na modalidade de registro do tipo DID (Diálogo entre Informante e Documentador), estratificados por sexo (9 homens e 8 mulheres) e por faixa etária (06 informantes da FI – 22-35; 05 informantes da FII – 36-49; 06 informantes da FIII – a partir de 50 anos). A amostra está distribuída por células sociais, estando alojados, em cada célula, 3 informantes, com exceção do quadro composto por mulheres com faixa etária de 26 a 49 anos, que apresenta 2 informantes femininos.

Variáveis linguísticas e sociais

Foram controladas as variáveis linguísticas: (a) carga semântica do verbo matriz; (b) estrutura de assertividade das orações matriz e encaixada; (c) saliência fônica do verbo da oração encaixada; (d) tipo de oração (orações substantivas introduzidas pela partícula *que* e orações dubitativas com *talvez*). Serão apresentadas, neste texto, as variáveis a, b e d. A variável c, por questão de espaço e por não ter sido selecionada pelo Goldvarb X, não será contemplada neste texto. Como já dissemos, as variáveis sociais sob controle são sexo e faixa etária.

Os dados, após coletados e codificados, foram submetidos à ferramenta computacional GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), que fornece resultados estatísticos para a análise de dados.

O uso variável do PS em alternância com o PI na fala culta de Fortaleza

A análise das orações substantivas e dubitativas com *talvez* pautou-se em todos os ambientes sintático-semânticos discriminados na seção 1 deste artigo. Ao todo, foram coletadas 268 ocorrências de orações completivas e orações dubitativas com *talvez*. Desse total, houve 244 dados de orações substantivas e apenas 24 dados de orações dubitativas. O percentual pode ser conferido no gráfico 1, a seguir.

⁶ Mais informações sobre o NURC consultar o site: <<http://www.lettras.ufjf.br/nurc-rj/historico.htm>>.

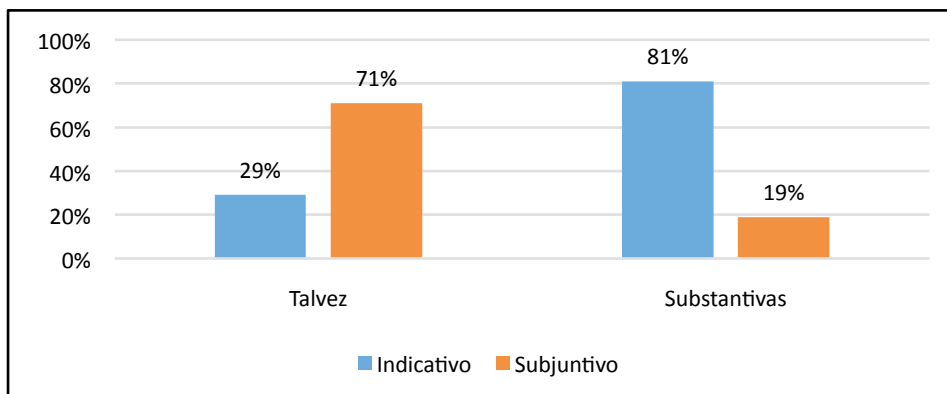


Gráfico 1: Distribuição das formas do PS e do PI por tipo de oração

Com base no gráfico 1, é possível observar que o PS foi mais recorrente em orações dubitativas com *talvez* (71%) e apresentou baixíssima frequência de uso (19%) em contextos de orações completivas. Se nas orações dubitativas há 71% de PS, nas substantivas esse percentual cai para 19% de uso dessa forma, o que ilustra a importância de mapear o tipo de oração para poder flagrar o encaixamento de formas marcadas sintático-semanticamente e complexas como o subjuntivo. Seguem exemplos que ilustram esses usos:

- (7) Eu **ACREDITO** que o doce **TENHA** contribuído...(Inq.09, m, 36-49 anos).
 (8) **TALVEZ** ele num **VÁ** ser enrolado (Inq.05, h, a partir dos 50 anos).

Do total de 24 ocorrências de orações dubitativas, 07 (29% no gráfico) ocorreram com o PI. As 07 ocorrências de PI correspondem a 04 dados com o verbo à esquerda do modalizador *talvez* (cf. exemplos 09 e 10) e 03 dados com material interveniente entre o modalizador *talvez* e o verbo da oração (cf. exemplo 11).

- (9) Nós **TEMOS TALVEZ** a única Lenda... a única lenda... que é exatamente a Iracema (Inq.24, m, a partir de 50 anos).
 (10) **VAI DEMORAR** ainda um pouco **TALVEZ** ... num sei (Inq.01, h, 22-35 anos).
 (11) Apesar de que **TALVEZ** no próximo ano **EU DEVO** fazer novo estágio (Inq.01, h, 22-35 anos).

O controle dessa variável nos auxilia a compreender padrões que governam a variação PS/PI. A seleção dessas formas em orações dubitativas está, em certa medida, condicionada

pela posição do modalizador em relação ao verbo, referendando Perini (2004), quando afirma que advérbios como o *talvez* regem o modo verbal da oração a que pertencem.

Resultados gerais não dizem muito para análise de dados que contempla contextos de orações substantivas, é importante correlacionar esses resultados com o efeito da carga semântica dos verbos das orações matrizes, que impulsiona a força modal da oração. Esses resultados podem ser conferidos na seção seguinte.

Carga semântica do verbo da oração matriz

Em orações substantivas introduzidas pela partícula *que*, a seleção do subjuntivo está, em maior ou menor grau, condicionada ao verbo matriz. Esse grupo de fatores foi o primeiro selecionado em todas as rodadas realizadas e foi o único grupo de fatores linguístico selecionado significativamente pelo GoldVarb X. Apenas dois grupos de fatores foram selecionados significativamente, a carga semântica do verbo da matriz e a faixa etária.

CARGA SEMÂNTICA DO VERBO DA MATRIZ ORAÇÕES DUBITATIVAS COM <i>TALVEZ</i>	PS/Total	%	P.R.
Verbos não factivos volitivos (querer, esperar, preferir)	14/14	100%	-
Orações dubitativas com <i>talvez</i>	17/24	70,8%	0,99
Verbos bicondicionais (ser possível, pode ser que)	11/14	78,6%	0,99
Verbos não factivos não volitivos (permitir, pedir, deixar)	7/10	70%	0,98
Verbos ou predicados indiferentes de opinião e/ou suposição (pensar, acreditar, supor, parecer)	13/57	22,8%	0,81
Verbos factivos não emotivos ou não avaliativos (saber, ter conhecimento)	1/10	10%	0,63
Verbo ou predicado indiferente de opinião e/ou suposição (achar)	1/139	0,7%	0,07
Total	64/268	23,9%	

Tabela 1: Frequência da carga semântica do verbo da matriz na seleção do PS em orações encaixadas e das orações dubitativas com *talvez*.

Conforme demonstram os resultados da tabela acima, o uso do PS é categórico em orações com verbos matrizes não factivos volitivos (100%), mostrou-se favorecido em orações matrizes com verbos bicondicionais (0,99) e verbos não factivos não volitivos (0,98),

referendando-se como campo de expectativa do PS. Os exemplos seguintes ilustram esses dados.

- (12) A gente **QUER** que elas... eh **CONVIVAM** mais (Inq.08, h, 36-49 anos).
(13) **PODE SER** que **TENHA** alguma esperança né? (Inq.13, m, a partir de 50 anos).

Em termos de tendência, o presente do subjuntivo (PS) foi preferido em orações completivas com verbos matrizes não factivos volitivos (*querer, gostar*) e verbos bicondicionais de possibilidade (*ser possível, pode ser*); orações com verbos matrizes factivos desfavorecem o PS (*saber*); orações com verbos ou predicados de opinião/suposição (*acreditar, pensar, supor*) favorecem a alternância PS~PI.

Acreditamos que o alto número de ocorrências do *achar* (139 ocorrências de 268 dados da amostra) instaura uma disputa interna entre os fatores da variável carga semântica do verbo matriz, elevando o peso relativo de verbos da área da alternância PS~PI: há uma discrepância entre o percentual de verbos ou predicado de opinião/opinião (22,8%) e o peso relativo correspondente (0,81), por exemplo (cf. tabela 1). Quando realizamos uma rodada teste⁷ sem o verbo *achar*, o peso relativo dos verbos de opinião/suposição (0,33) apresentou uma correlação mais equilibrada com a frequência (22,8%), refletindo com mais confiabilidade a variação linguística em estudo.

Esse raciocínio se aplica ao resultado dos verbos factivos não emotivos não avaliativos – *saber* (0,63 – tabela 1). Esses verbos constituem campo de expectativa do indicativo, apresentam compatibilidade semântico-gramatical (PEREIRA, 1974) entre a modalidade expressa pela oração matriz e pela oração encaixada, ou seja, exprimem certeza; conhecimento do falante perante o enunciado, eventos factuais, são, portanto, desfavorecedores do subjuntivo. O exemplo seguinte ilustra esses argumentos.

- (14) Então **SEI** que hoje em dia no Ceará não **EXISTE** [lab.de engenharia genética] (Inq.01, h, 22-35 anos).

⁷ Por questões de espaço não foi possível apresentar a tabela com os resultados da rodada teste aqui.

A única ocorrência com verbos factivos que favorece o PS (15) tem como configuração verbal uma perífrase (cf. tabela 1).

(15) Eu **TENHO CONHECIMENTO** que **SEJA** (...) eh:: que pegam que compram tipo assim panelada né? (Inq.09, m, 36-49 anos).

O verbo *achar* na matriz desfavorece o subjuntivo (0,07 – tabela 1) na oração encaixada, na fala fortalezense. Segundo Galvão (1999), esse verbo passa por um processo de gramaticalização por apresentar sensível perda gradativa da variabilidade de tempo e modo e o uso restrito na primeira pessoa do singular, com expressão de caráter modalizador mais forte. A tendência dessa forma é ocorrer, na oração encaixada, na forma indicativa com baixa variabilidade de modo.

Orações dubitativas com *talvez* apresentaram peso relativo de 0,99 de PS (cf. tabela 1), altamente favoráveis ao PS.

(16) **TALVEZ** esse ano num **TENHA** sido relatado nenhum caso no Ceará... justamente por conta de campanhas de vacinação (Inq.01, h, 22-35 anos).

Na ocorrência acima, o modalizador *talvez* impulsiona a avaliação que o enunciador faz em relação ao grau de possibilidade de atualmente terem diminuído as doenças no Ceará por conta das campanhas de vacinação. Em geral, o modalizador *talvez* instaura, no dito, não factuality, baixa certeza, que se harmoniza com as propriedades gerais da semântica do modo subjuntivo.

Em linhas gerais, esses resultados se alinham, em termos de tendência de uso, aos estudos sociolinguísticos sobre alternância subjuntivo/indicativo, bem como demonstra que os dados de fala culta de Fortaleza se aproximam, no que se refere ao campo de expectativa de uso da forma subjuntiva, dos trabalhos do Nordeste, com pouca e algumas vezes nenhuma variação (BARBOSA, 2013). Orações matrizes com verbos volitivos são altamente favorecedoras do subjuntivo tanto na fala culta quanto na fala popular de Fortaleza (CARVALHO, 2014). Essa tendência se aproxima de outras

comunidades de fala, a exemplo dos dados de fala de Florianópolis (91%) e Lages (96%) – Sul do país, que também apresenta alto percentual de uso em orações matrizes com esses verbos (CARVALHO; PIMPÃO, 2016).

Estrutura de assertividade da oração

Essa variável não foi selecionada pelo programa; por essa razão, faremos a apresentação dos resultados apenas em termos percentuais, por considerarmos um importante grupo de fatores.

ESTRUTURA DE ASSERTIVIDADE DA ORAÇÃO MATRIZ/ENCAIXADA	PS/Total	%
Negação na matriz/afirmação na encaixada	11/17	64,7%
Afirmação na matriz/afirmação na encaixada	51/214	23,8%
Afirmação na matriz/negação na encaixada	2/37	5,4%
Total	64/268	23,9%

Tabela 2: Efeito da assertividade da oração em orações no presente do subjuntivo

Quanto à assertividade da oração, os resultados, ainda que sejam poucos dados com negação na matriz (17), indicam que orações negativas favorecem o PS (64,7%) e orações afirmativas restringem-no (23,8% - 5,4%), confirmando nossa hipótese. Segue um exemplo desse tipo de ocorrência.

(17) Doc. Na sua opinião...eh o Maradona... como você classificaria ele? como pessoa?...

Inf. – Eu num conheço assim só por imprensa que a gente vai lendo, mas ele:: ((ruído)) às vezes se mete em alguma situação... um pouco inconveniente... para ele mesmo né?... dá uma pancada e às vezes o juiz num marca e... e dão uma nele que nem é falta direito e o juiz marca ele... chegou até fazer gol de mão... né?... claro que nessa vez eu **NÃO ACREDITO** que o juiz **TENHA** visto senão ele teria marcado (...) mas eu num... num posso assim dar uma opinião porque eu num::... tenho

assim uma convivência direta só através da imprensa né? (Inq.8, h, 36-49 anos)

No fragmento acima, o operador de negação incide sobre a avaliação/crença do falante, contrariando o pressuposto de o juiz ter visto o gol de mão do Maradona, caso contrário, assevera o falante, teria marcado falta. Todo o contexto versa sobre hipóteses, com expressão modal de não factualidade. Para Mateus *et al.* (2003, p. 266), formalmente, a negação é “uma operação de modificação” que atua quer em nível dos elementos constituintes de uma proposição, quer em nível sintático-semântico de uma frase, quer ainda em nível pragmático. Em orações completivas, a negação incide sobre o verbo da oração matriz, criador de um estado de coisas expresso pela oração encaixada, implicando na avaliação que o falante faz.

Verbos da oração encaixada

Inicialmente, cada verbo foi codificado individualmente. Dado o alto número de ocorrências com *nocauté*, amalgamamos essas ocorrências sob a categorização “outros verbos” e mantivemos na rodada os verbos que não foram de uso categórico.

VERBOS DA ORAÇÃO ENCAIXADA	PS/Total	%
Fazer	6/9	66,7%
Existir	3/11	27,3%
Voltar	1/1	50%
Haver	1/1	50%
Outros verbos	17/84	20%
Ter	7/35	20%
Ser	10/80	12,5%
Estar	1/10	10%
Perífrase (ir+infinitivo)	1/11	9%
Total	47/244	19,3%

Tabela 3: Frequência do presente do subjuntivo em orações encaixadas

Esses resultados, correlacionados com a carga semântica do verbo matriz, permitem fazer uma análise em favor da força impulsionadora que tem o verbo da oração matriz, em orações substantivas, para a seleção do PS: as 6 ocorrências do verbo encaixado *fazer* (66,7%) estão correlacionadas com verbos bicondicionais de possibilidade na matriz e verbos

volitivos; as 3 ocorrências do verbo *existir* na encaixada (27,3%) também correlacionam-se com matrizes bicondicionais e volitivas. Por fim, a única ocorrência do presente do subjuntivo em perífrase (ex.: **Pode ser** até que futuramente eu **vá trabalhar**) também tem como escopo um predicado bicondicional. Em outras palavras, os verbos *fazer* e *existir*, no PS das orações encaixadas, estão correlacionados com verbos matrizes do campo de expectativa de subjuntivo.

Faixa etária

Tínhamos como hipótese que os fatores sociais sexo e faixa etária do falante atuariam como condicionadores do fenômeno investigado. Do conjunto das variáveis sociais (sexo e faixa etária), apenas a faixa etária foi selecionada pelo programa.

FAIXA ETÁRIA	PS/Total	%	P.R
I- 22-35 anos	14/82	17,1%	0,36
II- 36-49 anos	28/105	26,7%	0,63
III - 50 anos em diante	22/81	27,2%	0,46
Total	64/268	23,9%	-

Tabela 4: Efeito da faixa etária do falante no uso variável do presente do subjuntivo

Com base na tabela 4, o PS é desfavorecido pelos falantes da faixa etária I (0,36) e da FIII (0,46) com peso relativo abaixo do ponto neutro (0,50) de interferência sobre a regra de aplicação. São os falantes da FII (0,63) que favorecem o presente do subjuntivo. Esses resultados se configuram como variação estável nessa análise em tempo aparente.

As ocorrências do PS (14 ocorrências) da faixa etária I constituem orações encaixadas em orações matrizes com verbos bicondicionais de possibilidade, verbos não factivos volitivos e orações dubitativas com *talvez*, campo de expectativa do subjuntivo. Efeitos lexicais têm sido encontrados em muitos níveis da gramática⁸ (TAGLIAMONTE, 2012, p. 200). O item lexical *querer*, verbo não factivo volitivo, em orações matrizes mantém-se no PB como altamente condicionador do subjuntivo na encaixada, associado à expressão de baixa certeza epistêmica/modalidade *irrealis*, em dados sincrônicos e diacrônicos (ALMEIDA, 2010; PIMPÃO, 2012).

⁸ Lexical effects have been found in many levels of grammar [tradução nossa].

A Alternância modal, na fala de Fortaleza, parece espelhar regras semi-categóricas (Labov, 2003) com áreas bem definidas de *subjuntivo* e *indicativo* na encaixada condicionadas por traços semânticos do verbo da matriz.

Considerações finais

A análise dos dados de variação entre PS~PI na fala culta de Fortaleza permitiu a algumas generalizações em resposta às questões propostas que fundamentam este trabalho: o PS apresentou 23,9% de frequência e o indicativo 76,1 %, implementado em orações matrizes não factuais, de baixa certeza epistêmica, com expressão de modalidade *irrealis*. Orações matrizes com verbos não factivos volitivos são de uso categórico no falar fortalezense, refletindo resultados de outros estudos com dados do Nordeste (cf. OLIVEIRA, 2007) e a fala popular fortalezense (CARVALHO, 2014). Orações com verbos ou predicados de opinião/suposição constituem campo de alternância do PS~PI. O advérbio *talvez* em orações dubitativas seleciona preferencialmente o subjuntivo. A estrutura de assertividade da oração incide sobre a seleção do presente do subjuntivo. A variável social faixa etária foi selecionada significativamente e nos mostra contornos de uma fotografia sociolinguística em que os falantes mais jovens e idosos desfavorecem o PS. De posse desses resultados, esperamos contribuir e fornecer dados para futuros estudos sobre o encaixamento linguístico e social das formas subjuntiva e indicativa no PB.

Referências

- ALMEIDA, E. S. de. *Variação de uso do subjuntivo em estruturas subordinadas: do século XIII ao XX*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- ALVES, J. F. *A alternância subjuntivo/indicativo em orações independentes na fala do Cariri*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.
- AMORIM, V. R. S. *A gramaticalização do subjuntivo: um estudo do português popular*. 2015. 150f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2015.
- ARAÚJO, A. de A. *A monotongação na norma culta de Fortaleza*. 2000. 112f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2000.

BARBOSA, A. F. *Alternância de formas indicativas e subjuntivas na fala de Vitória (ES)*. 2013. 213f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.

PRETI, D. A propósito do conceito de discurso urbano oral culto: a língua e as transformações sociais. In: _____. (org.). *O discurso oral culto*. São Paulo, Humanitas Publicações - FFLCH/USP, 1999. p. 21-34.

CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

CARVALHO, H. M. de. *A alternância indicativo/subjuntivo nas orações substantivas em função dos tempos verbais presente e imperfeito na língua falada do Cariri*. 2007. 158f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

_____. Alternância das formas subjuntivo e indicativa na fala do Ceará: uma análise variacionista. *Linha D'Água (Online)*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 169-190, jun. 2014.

_____; PIMPÃO, T. S. O uso variável do modo subjuntivo/indicativo em orações completivas: análise contrastiva entre o Ceará e Santa Catarina. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 41, n. 71, p. 127-138, out. 2016.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DIAS, A. E. da S. *Syntaxe histórica portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora. 1970.

FAGUNDES, E. D. *As ocorrências do modo subjuntivo nas entrevistas do VARSUL no estado do Paraná e as possibilidades de variação com o modo indicativo*. 2007. 220f. Tese (Doutorado em Letras) – Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

GIVÓN, T. *Syntax: an introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LABOV, W. (2003). Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (eds.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 235-250.

MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. 5. edição, Lisboa: Editorial Caminho – Coleção Universitária, 2003.

MARROQUIM, M. *A língua do Nordeste*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

MELO, G. C. *Alencar e a língua brasileira*. 3 ed., Conselho Federal de Cultura, 1972.

OLIVEIRA, M. do C. de. *O uso do modo verbal em estruturas de complementação no português do Brasil*. 2007. 155f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

OLIVEIRA, V. M. de. *O uso do modo subjuntivo em orações relativas e completivas no português afro-brasileiro*. 2006. 317f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

PAIVA, M. da C. A. de.; DUARTE, M. E. L. Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolinguística brasileira. In: WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

PAIVA, M. da C. A. de; DUARTE, M. E. L. (Org.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contracapa/FAPERJ, 2003.

PALMER, F. R. *Mood and modality*. New York: Cambridge University Press, 1986.

PEREIRA, M. A. B. *Aspectos da oposição modal indicativo/subjuntivo no português contemporâneo*. 1974. 265f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1974.

PERINI, M. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 1998.

_____. *Para uma nova gramática do português*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2004.

PIMPÃO, T. S. *Variação no presente do modo subjuntivo: uma abordagem discursivo-pragmática*. 1999. 129f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

_____. *Uso variável do presente do modo subjuntivo: Uma análise de amostras de fala e escrita das cidades de Florianópolis e Lages nos séculos XIX e XX*. 2012. 350f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

_____. Mapeamento do uso variável do modo subjuntivo no português do Brasil. *Working Papers em Linguística*, 16(1): 120-141, Florianópolis, jan/jul, 2015.

POPLACK, S. The inherent variability of the French subjunctive. In: *Theoretical analyses in romance linguistics*. Amsterdam: John Benhamins publishing company, 1992, p. 235-263.

RIBEIRO, J. *Grammatica portugueza*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves & C., 1914.

ROCHA, R. C. F. da. *A alternância indicativo/subjuntivo nas orações subordinadas substantivas em português*. 1997. 125f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernáculas, Universidade de Brasília, Brasília, 1997.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *GoldVarb X: A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref>.

SANTOS, R. M. A. dos. *O uso variável do modo subjuntivo em estruturas complexas*. 2005. 170f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2005.

SANTOS, W. S. dos. *A morfologia do indicativo na expressão do modo subjuntivo em São Paulo e São Luís*. 2014. 141f. Dissertação (Mestrado e Linguística) – Departamento de Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SILVA, K. E. do Nascimento e; LUCENA, I. L. *Quem sabe/talvez: uma análise variacionista da modalidade epistêmica no português oral culto de fortaleza*. *Revista do GELNE*, Piauí, v.12, n.1, 2010.

TAGLIAMONTE, S. A. *Variacionist sociolinguistics: change, observation, interpretation*. Wiley-Blackwell, USA, 2012.

VIEIRA, M. M. M. *Alternância no uso dos modos indicativo e subjuntivo em orações subordinadas substantivas: Uma comparação entre o português do Brasil e o francês do Canadá*. 2007. 106f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Ed.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.

Artigo recebido em: 31/03/2017.

Artigo aceito em: 18/07/2017.

Artigo publicado em: 20/07/2017.